

DOSSIÊ

História da Política e do Direito Internacional

Cristian Sparemberger¹

Marjorie Reis Müller²

Iann Endo Lobo³

ROBERT HUGHES E A CULTURA DA RECLAMAÇÃO: O DESGASTE AMERICANO NO CONTEXTO DAS GUERRAS CULTURAIS ESTADUNIDENSES

ROBERT HUGHES AND THE CULTURE OF COMPLAINT: AMERICAN WEAR IN THE CONTEXT OF US CULTURAL WARS

RESUMO:

Observa-se na atualidade o crescente processo de polarização política. Esse processo, todavia, era percebido e investigado por intelectuais na década de noventa nos Estados Unidos, por meio dos estudos das guerras culturais. Com a pretensão de enriquecer a temática das guerras culturais no cenário acadêmico brasileiro hodierno, este artigo realiza uma análise do livro de Robert Hughes, *Cultura da Reclamação: o desgaste americano*, contextualizado nas dinâmicas oriundas das guerras culturais. A partir de uma lacônica revisão da literatura referente às guerras culturais efetivamos a interpretação do pensamento Robert Hughes. Crítico de arte e intelectual público atento aos fenômenos de sua época, Hughes ofertou seus serviços às guerras culturais favorecendo o elitismo cultural como critério político. Ao longo de nosso estudo observamos as percepções do autor acerca da construção identitária cultural dos Estados Unidos, imiscuída nos dilemas do multiculturalismo e dos debates de gênero.

Palavras-chave: Estados Unidos da América; guerras culturais; história do pensamento político e social; multiculturalismo; Robert Hughes.

ABSTRACT:

The process of political polarization is evident today. This process, however, was perceived and investigated by intellectuals in the nineties in the United States, in studies about cultural wars. With the intention of enriching the theme of cultural wars in the Brazilian academic scene, this article analyzes Robert Hughes' book, *Culture of Complaint: The Fraying of America*, contextualized in the dynamics of cultural wars. From the literature review about the culture wars, we analyze Robert Hughes ideas. Intellectual public aware of the phenomenon of his time, Hughes has offered his services to the culture wars favoring cultural elitism as a political criterion. In this article, we look at the author's perceptions of the United States' cultural identity construction, immersed in the dilemmas of multiculturalism and gender debates.

Keywords: cultural wars; history of political and social thinking; multiculturalism; Robert Hughes; United States of America.

INTRODUÇÃO

Em discurso histórico durante as prévias eleitorais do partido republicano das eleições presidenciais dos Estados Unidos, Pat Buchanan

preferiu: "Há uma guerra religiosa acontecendo neste país. É uma guerra cultural, tão crucial para o tipo de nação que nós seremos como foi a própria Guerra Fria, esta guerra é sobre a alma da América" (BUCHANAN, 1992 – Tradução do

¹ Bacharel em Relações Internacionais (UFSC) e Mestre em Sociologia Política pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política (UFSC). sparemberger@hotmail.com  <https://orcid.org/0000-0002-4345-5297>

² Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Sistemas Ambientais e Sustentabilidade - Unijuí.  <https://orcid.org/0000-0003-2650-7486>

³ Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina (2016). Mestre em Sociologia Política (UFSC). Atualmente doutorando em Sociologia Política (UFSC). iannloboe@gmail.com  <https://orcid.org/0000-0001-7567-1894>

autor⁴). A narrativa do candidato republicano, referia-se a uma série de disputas que dominaram as manchetes nacionais dos Estados Unidos durante a década de noventa, abordando diversas temáticas, como os valores familiares, o feminismo, a homossexualidade e o multiculturalismo. A "guerra pela alma de América" que Buchanan se referia era evidente no contexto norte-americano e fazia alusão as guerras culturais que se intensificaram na esfera pública estadunidense a partir da década de noventa.

Neste período o contexto social e político estadunidense caracterizava-se pela polarização de opiniões em um debate que envolvia questões de natureza moral e interpessoal. Este conflito, fomentado por conservadores ortodoxos e progressistas é denominado por pesquisadores como Hunter (1991), Chapman (2010) e Hartmann (2015) como *Guerras Culturais*, neste contexto híbrido de construção da cultura indenitária dos Estados Unidos da América foi publicada a obra *A Cultura da Reclamação: o desgaste americano*, escrita pelo crítico de arte Robert Hughes.

A *Cultura da Reclamação: o desgaste americano*⁵, livro escrito por Robert Hughes, marco da década de noventa retrata os paradigmas culturais e sociais dos Estados Unidos. Após a publicação de *A Cultura da Reclamação*, Hughes e seu livro tornaram-se tema de discussões em todos os lugares dos Estados Unidos, desde conversas informais até *talk shows* televisivos. O livro de Hughes permaneceu por diversos meses na lista dos mais vendidos da revista *Time* influenciando o pensamento e a cultura norte-americana.

Intelectual público, atento aos fenômenos de sua época, Robert Studley Forrest Hughes, (1938—2012) foi um crítico de arte australiano que atuou como crítico de arte da revista *Time*, sendo mundialmente conhecido por livros como *Barcelona* (1992), *Nothing if not critical* (1990) e *American Visions: The Epic History of Art in America*

(1997). Contudo, foi em sua obra *Cultura da Reclamação: o desgaste americano* que o imigrante australiano ofereceu seus serviços intelectuais às guerras culturais, debatendo a cultura, as perspectivas e os conflitos que permeavam os Estados Unidos.

Tendo como base os postulados teóricos referentes às Guerras Culturais, o presente estudo buscará analisar a *Cultura da Reclamação: o desgaste americano* no contexto social e político estadunidense da década de noventa. Para tanto, em um primeiro momento realizaremos uma breve revisão de literatura, averiguando os principais postulados teóricos das guerras culturais, para em um segundo momento, efetivarmos uma análise da obra de Robert Hughes tendo como base os dilemas das Guerras Culturais. Por questões didáticas, dividimos a nossa análise em três partes: na primeira delas buscamos compreender os eixos centrais da argumentação do autor, em seguida, efetivamos uma análise do pensamento do autor acerca do multiculturalismo, um dos temas centrais das guerras culturais. Por fim, na terceira e última parte de nossa análise, averiguamos como a obra de Hughes influenciou os debates de gênero e o pensamento e a retórica conservadora acerca desta questão.

Justifica-se a importância deste estudo no que tange construção de um arcabouço teórico na literatura brasileira acerca das Guerras Culturais, uma vez que os pressupostos teóricos ofertados pelas guerras culturais compõem um eixo analítico preciso para compreensão dos fenômenos sociais e políticos recentes de conjuntura nacional. Ainda que existam diversas análises que incorporem este tema de pesquisa⁶, o presente estudo possui como missão expandir e complementar as revisões literárias pertinentes às guerras culturais no cenário nacional hodierno.

⁴ Texto original: *There is a religious war going on in this country. It is a cultural war, as critical to the kind of nation we shall be as was the Cold War itself, for this war is for the soul of America. And in that struggle for the soul of America.*

⁵ O livro de Hughes foi publicado inicialmente no ano de 1993, nos Estados Unidos, com o título *Culture of Complaint: The Fraying of America*, pela editora *Schwarz*. Devido ao seu sucesso, foi publicado no mesmo ano no Brasil pela editora Companhia das Letras, com tradução em língua portuguesa (versão utilizada neste estudo).

⁶ Como exemplos de estudos que se apropriaram da temática das guerras culturais para explicar a conjuntura política atual, podemos citar os trabalhos de Gallego, Ortellado e Moretto (2017), Sorj et al. (2018) e do Monitor do debate político no meio digital (2019).

O CONTEXTO SOCIAL E POLÍTICO DOS ESTADOS UNIDOS NOS ANOS NOVENTA: AS GUERRAS CULTURAIS

De acordo com Hunter (1991), o contexto cultural dos Estados Unidos no início dos anos noventa era delineado por uma batalha ideológica entre tradicionalistas, comprometidos com ideais morais provenientes do passado, e progressistas, que idealizavam mudanças culturais nos princípios morais que regiam a sociedade. Esta disputa elevou-se para a categoria de debate que definiria o próprio significado cultural e político dos Estados Unidos como país e nação. Hunter argumenta que o conflito cultural que ocorria na América era inevitável, uma vez que a cultura envolve indivíduos e instituições que competem por recursos e posições. Consequentemente, a sociedade norte-americana tem sido delineada socialmente e politicamente por um conflito, de valores e ideias, amplamente referido como *guerras culturais*⁷. Este conflito cultural não ocorre por meio da violência ou do derramamento de sangue, mas sim, dentro dos moldes democráticos e civilizados, como afirma Chapman:

O termo é metafórico, já que as cisões não envolveram uma guerra literal, raramente derramamento de sangue e, certamente, nada perto da calamidade da Guerra Civil ou de outras grandes conflagrações nacionais. Em vez disso, as escaramuças das guerras culturais foram geralmente contidas num quadro democrático, envolvendo debates públicos, campanhas eleitorais, políticas legislativas, *lobby*, processos judiciais, agenda fixada por grupos de interesse e grupos de reflexão, movimentos religiosos, protestos e manifestações, eventos da mídia, comentários partidários na mídia, cultura popular politizada e discursos acadêmicos (CHAPMAN, 2010a, p. XXVII –

Tradução do autor⁸).

Como refletido no subtítulo do livro, *Culture Wars: The Struggle to Define America*, o cerne do conflito é sobre o futuro da nação e o próprio significado cultural que os Estados Unidos representarão, em última instância é "uma luta pela identidade nacional - sobre o significado da América" (HUNTER, 1991, p.50 – Tradução do Autor⁹). Hunter prevê que as guerras culturais decidirão questões tão controversas como os direitos de reprodução (incluindo o aborto), os limites da sexualidade legítima, a educação dos filhos, as relações ente os gêneros, a orientação sexual e, até mesmo, a estrutura e a definição de família na nação norte-americana. Ao desenvolver seu pensamento sobre as guerras culturais, Hunter argumenta que o principal fator que motiva o envolvimento dos cidadãos no debate sobre o ordenamento cultural é "nascido de uma profunda preocupação com o caráter da vida" (HUNTER 1991, p.32 – Tradução do autor¹⁰), logo o conflito cultural nos Estados Unidos é, em última análise, sobre "como devemos ordenar nossas vidas juntos" (HUNTER, 1991, p. 34 – Tradução do autor¹¹). Ou seja, questões e temas de natureza interpessoal debatidos na esfera pública.

Hunter, ao delinear as bases dos *guerreiros da cultura*, identifica dois polos centrais que permeiam a maioria das posições, sendo que estes dois polos para o autor são caracterizados pelos progressistas e pelos tradicionalistas ortodoxos. Os ortodoxos ao atuarem nas guerras culturais embasam suas perspectivas em favor dos costumes e das tradições, possuindo uma visão conservadora, objetivando manter a cultura dos Estados Unidos de maneira que "a fibra moral da vida americana é construída sobre padrões de moralidade bíblica" (HUNTER, 1991, p.112 –

⁷ A origem do termo é europeia, referindo-se especificamente a Kulturkampf do Reich alemão (literalmente, "luta da cultura") que ocorreu em 1870 (CHAPMAN, 2010).

⁸ Texto original: *The term is metaphorical, as the divisions have not involved literal war, seldom bloodshed, and certainly nothing close to the calamity of the Civil War or other major national conflagrations. Rather, the skirmishes of the culture wars generally have been contained within a democratic framework, involving public debate, election campaigns, legislative politics, lobbying, legal proceedings and court cases, agenda setting by interest groups and think tanks, religious movements, protests and demonstrations, media events, partisan media commentary, politicized popular culture, and academic discourse.*

⁹ Texto original: [...] *a struggle over national identity- over the meaning of America.*

¹⁰ Texto original: [...] *born out of a deep concern for the character of life.*

¹¹ Texto original: [...] *at stake is how we as Americans will order our lives together.*

Tradução do Autor¹²). Os progressistas por sua vez apostam em um progressismo cultural em justaposição ao pensamento ortodoxo, fundamentando seu pensamento na ideia de que "a autoridade moral tende a ser definida pelo espírito da era moderna, um espírito de racionalismo e subjetivismo" (HUNTER, 1991, p.44 – Tradução do Autor¹³).

Em seu esboço geral das guerras culturais, Hunter (1991) identifica cinco "frentes" nas quais o futuro dos Estados Unidos, enquanto nação, será decidido: a família, a educação, a mídia, o direito e a política. No âmbito da educação, o resultado das guerras culturais decidirá o que será ensinado às crianças, desde as perspectivas históricas, o multiculturalismo, questões sobre educação sexual e se o currículo de ciências deve ou não incorporar perspectivas teístas sobre as origens da vida. A batalha sobre a mídia decidirá qual conteúdo será aceitável na cultura popular, desde o que será transmitido na televisão e nos cinemas, o que será admissível nas letras das canções musicais e, até mesmo, o que será permitido nos jogos de computador. No que diz respeito às leis, as guerras culturais envolvem uma ampla questão de direitos - direitos humanos, direitos dos trabalhadores, direitos dos consumidores, direitos civis, direitos dos eleitores, direitos das mulheres, direitos dos homossexuais, direitos das crianças, direitos dos nascituros, o direito a eutanásia, os direitos dos animais, os direitos sobre posse de armas, os direitos de propriedade, os direitos de fala, os direitos dos artistas, direitos dos imigrantes e outra gama de direitos pertinentes à cultura e à sociedade civil – questões de importância primordial no embate cultural. No que tange à família, as guerras culturais redefinirão o conceito de família e o modo como os pais devem educar seus filhos. E, por último, ao tratar das questões políticas, Hunter sustenta a ideia de que a luta política é, em última análise, sobre o poder onde as principais questões das guerras culturais serão resolvidas, conferindo grande importância às

eleições, aos processos de votação, às plataformas partidárias, ao financiamento de campanhas, ao *lobbying*, às nomeações judiciais etc.

Hartmann (2015), ao realizar uma leitura histórica e reflexiva das guerras culturais nos Estados Unidos, conclui que os conflitos políticos e sociais apresentam um determinado padrão: onde os progressistas obtiveram relativo sucesso – nas instituições culturais do país –, os conservadores reagiram com uma ferocidade correspondente à sua crença. Portanto, as guerras culturais não seriam causadas por uma ascensão, mas por uma reação conservadora, que se iniciou quando os conservadores perceberam que suas perspectivas corriam o risco de se tornarem minoritárias, o que demandou uma defesa política articulada. Ademais, Hartmann (2015) afirma que as disputas pelos valores comuns da América aconteceram como uma revolução cultural constante, protagonizada pelas novas identidades. Para o autor, as guerras culturais podem ser entendidas como um período de adaptação e reconhecimento, e, embora muitas vezes esse reconhecimento tenha surgido como rejeição, ele foi primeiro passo à aceitação.

Chapman (2010), ao discorrer sobre as guerras culturais, salienta o aspecto binário e maniqueísta do conflito, pois as posições e os atores são apresentados como opostos compostos por diferenças irreconciliáveis. Por mais que o enquadramento binário pareça conveniente no estudo das guerras culturais, ele simplifica os atores, as posições e os sujeitos ao não distinguir suas complexidades e peculiaridades. Entretanto, as conceitualizações binárias fazem parte da linguagem dos próprios guerreiros da cultura, de maneira que qualquer análise das guerras culturais deve abranger tais conceitos e termos. Chapman (2010) ressalta algumas críticas direcionadas ao conceito de *guerras culturais*, como por exemplo o fato de o próprio Hunter ter admitido que a maioria dos americanos é moderado politicamente, questão que levou autores a

¹² Texto original: [...] *the moral fiber of American life is built upon standards of biblical morality.*

¹³ Texto original: [...] *moral authority tends to be defined by the spirit of the modern age, a spirit of rationalism and subjectivism.*

¹⁴ Essas críticas surgiram dos debates entre Wolfe e Hunter acerca das guerras culturais nos Estados Unidos. Para mais informações acerca desse debate ver: Hunter e Wolfe (2006); Chapman (2010) e Woolfolk (2006).

questionarem a real existência de uma guerra cultural em curso nos Estados Unidos¹⁴. Em resposta a tais questionamentos, Chapman (2010) argumenta que as guerras culturais podem ser travadas por determinados atores partidários que controlam organizações e instituições capazes de reunir uma base obstinada de apoiadores. O fato é que existem atores políticos, ortodoxos e progressistas, que percebem uma guerra cultural contínua e agem em favor de sua promoção.

Ao longo da história das guerras culturais, algumas lutas terminaram em compromissos políticos ou vitórias por um dos lados, contudo, até o momento não podemos afirmar que existiram vencedores ou perdedores em virtude de o conflito moral, social e político persistir até os tempos atuais.

DA CRÍTICA DA ARTE ÀS GUERRAS CULTURAIS: COMPREENDENDO O PENSAMENTO DE ROBERT HUGHES

Ao introduzir o seu pensamento sobre a cultura dos Estados Unidos, Hughes inicia seu escrito com uma passagem poética, que para o autor descreve a realidade que os Estados Unidos vivenciavam no início dos anos noventa. A passagem faz referência a uma determinada “cultura da reclamação”, questão basilar de toda a escrita do autor sobre a realidade dos Estados Unidos. Segue a passagem:

Não é preciso ser profeta para prever as consequências [...] A razão será substituída pela Revolução [...] O conhecimento degenerará num tumulto de visões subjetivas – sensações no plexo solar causadas por subnutrição, imagens angelicais geradas por febre ou drogas, avisos em sonhos inspirados por um som de água caindo. Cosmologias inteiras serão criadas a partir de um ressentimento pessoal esquecido, épicos inteiros escritos em linguagens privadas, borrões infantis julgados superiores às maiores obras primas [...] A justiça será substituída pela piedade como virtude humana fundamental, e desapareça todo o medo da punição. [...] O diamante bruto, a prostituta Tísica, o

bandido bondoso para com a mãe, a jovem epilética que tem jeito com animais serão os heróis e heroínas da Nova Tragédia, quando o general, o estadista e o filósofo se tiverem tornado motivo de toda farsa e sátira (AUDEN, apud HUGHES, 1993, p. 15).

O fragmento textual, discorrido por Herodes, personagem fictício da obra *For the time being: a Christmas oratorio*, escrita pelo poeta Wystan Hugh Auden, para Hughes é um retrato da cultura americana do início dos anos noventa, visível nas mais diversas esferas sociais:

O que Herodes viu foi o Estados Unidos em fins da década de 80 e início da de 90. Uma comunidade obcecada por terapias e cheia de desconfiança em relação à política formal; cética em relação à autoridade e presa a superstições; sua linguagem política corroída pela falsa piedade e por eufemismos (HUGHES, 1993, p. 16).

Partindo do poema de Auden como uma profecia que descreve os Estados Unidos do início da década de noventa, Hughes desenvolve seu diagnóstico referente à cultura norte-americana. No contexto das guerras culturais, Hughes busca afastar-se da dicotomia polarizadora do conflito. Deste modo o crítico de arte australiano assume seu posicionamento no contexto das guerras culturais: uma posição em virtude da excelência. A partir deste ponto, ao vislumbrar a excelência, Hughes adota um tom elitista em relação a arte, valorizando o conceito de *arte pela arte*, ou, excelência pela excelência, independente de raça ou gênero. Nas palavras do autor:

[...] embora saibamos o que queremos dizer por qualidade do meio ambiente, a idéia [sic] de “qualidade” na experiência estética pouco mais é do que uma ficção paternalista destinada a dificultar a vida de artistas negros, mulheres e homossexuais, que devem de agora em diante ser julgados por sua etnicidade, gênero e estado de saúde, e não pelos méritos de sua obra (HUGHES, 1993, p. 17).

A partir de seu diagnóstico das críticas de arte contextualizadas nas guerras culturais, em

¹⁴ Essas críticas surgiram dos debates entre Wolfe e Hunter acerca das guerras culturais nos Estados Unidos. Para mais informações acerca desse debate ver: Hunter e Wolfe (2006); Chapman (2010) e Woolfolk (2006).

que para o autor questões referentes as novas identidades passaram a advogar em detrimento da excelência, Hughes deixa clara a sua posição: “À medida que se difunde para a arte a reação lacrimosa contra a excelência, a ideia de discriminação estética é metida no mesmo saco com a de discriminação racial ou de gênero” (HUGHES, 1993, p. 17). Partindo da crítica da arte, o autor efetiva uma análise deste fenômeno, transpondo seu pensamento da arte à política, afirmando que os limites da crítica da arte foram ultrapassados pela politização das questões interpessoais, imiscuindo-se na sociedade pela politização de questões morais, mergulhando nas diversas camadas do tecido social estadunidense:

A política não deve impregnar tudo. Na verdade, uma das primeiras condições da liberdade é descobrir o limite além do qual a política não pode ir [...]. Por que, então, está na moda julgar a arte em termos políticos? Provavelmente ensina-se isso porque é fácil de ensinar. Revive a ilusão de que as obras de arte transportam um significado social como os caminhões transportam carvão. Divide claramente a extensa república das letras em mocinhos e bandidos, e alivia o aluno do fardo da empatia imaginativa, das dificuldades da discriminação estética (HUGHES, 1993, p. 98).

Desta forma, Hughes estabelece a retórica de seu pensamento. Introduzindo a forma como as questões presentes nas guerras culturais imiscuíram-se na arte, o autor passa a expressar o seu pensamento de como as novas disputas culturais passaram a influenciar nas distintas esferas sociais norte americanas. “*No mesmo espírito, o tênis deveria ser despido de suas nuances elitistas: é só nos livrarmos das redes*” (HUGHES, 1993, p.17). Para o autor, esta cultura difundida como critério político elevou o *status de vítima* de maneira que o sofrimento e a reclamação tomaram conta dos contextos sociais, fato que para Hughes instituiu uma *cultura da reclamação* nos Estados Unidos, pois “como nossa recém-descoberta sensibilidade decreta, só a vítima pode ser herói” (HUGHES, 1993, p. 18).

Para explicitar seu ponto de vista, Hughes passa a citar inúmeros casos de cultura da reclamação dentro dos Estados Unidos, justificando e explicitando os eixos de sua argumentação, como o caso ocorrido em Los Angeles no ano de 1991, no restaurante *Betty's Oceanview Diner*. Neste exemplo, um jornalista lia um artigo de Nat Hentoff¹⁵ sobre a constituição norte-americana, em uma revista *Playboy* e a garçonete recusou-se a servir-lhe a sobremesa “dizendo-se ‘apavorada e chocada’, pois a simples visão de *Playboy* já era uma forma de estupro por procuração, assédio sexual em local de trabalho, uma ameaça a autoestima das mulheres, e assim por diante” (HUGHES, 1993, p. 23). Após o ocorrido, tanto a garçonete quanto a gerente mandaram o homem se retirar do estabelecimento. Porém, essa história não acabou neste momento, esse simples ato desencadeou uma série de manifestações, como Hughes relata:

Pouco depois um grupo de libertários civis da *Bay Area* fez uma sessão de leitura no *Diner*, com exemplares gratuitos da *Playboy* [...] Pouco depois veio uma contramanifestação de grupos feministas, cujos membros afirmaram que ‘a saúde da mulher é afetada pelo fato de *Playboy* estar em um restaurante’, e que isso ‘nada tinha a ver com a liberdade de expressão; tinha a ver com poder – poder dos homens brancos imporem seus padrões para todo mundo, por mais humilhante que isto fosse’ (HUGHES, 1993, p. 24).

Partindo de breves narrativas como esta, Hughes realiza um diagnóstico do panorama das guerras culturais que emergiam nos Estados Unidos, delineando o que o autor chama de: *a cultura da reclamação*, cuja principal consequência é a politização e moralização de atitudes de natureza interpessoal.

Continuando sua argumentação, o crítico australiano explicita casos ocorridos, tanto nos movimentos sociais como no feminismo, no movimento negro e nos movimentos LGBTs, quanto nos movimentos moralistas conservadores, sendo que para Hughes (1993, p. 25) “ambos estão

¹⁵ Nathan Irving “Nat” Hentoff é um historiador, escritor e crítico norte-americano que realizou parte de seus estudos em Harvard, sendo ganhador do prêmio de Doutor Honorário em Direito pela *Northeastern University* (WASHINGTON POST COMPANY, 1998).

no mesmo barco, e a única diferença é o que eles querem proibir”. Como resultado desta politização, o autor observa que “abundam nos Estados Unidos as ocasiões em que alguém impede alguém de dizer alguma coisa e depois nega que isto seja uma questão de liberdade de expressão” (HUGHES, 1993, p.24).

Hughes, em sua argumentação desnuda uma determinada lógica derivada das guerras culturais em todos os âmbitos das esferas sociais, denunciando tal cultura até mesmo no que tange às questões sexuais, pois para o autor “as mudanças produzidas por isto [a cultura da reclamação] podem ser vistas em toda parte, e sua curiosa tendência é fazer convergirem a ‘direita’ e a ‘esquerda’”. (HUGHES, 1993, p. 19). Neste sentido, o autor elucida o fato de que até mesmo os grupos conservadores, que lutam contra o aborto, utilizam-se da *cultura da reclamação* em seu favor, pois “os pró-vida tomam de empréstimo o jargão feminista e chamam o aborto de ‘estupro cirúrgico’ (não importa que seja um ato inteiramente voluntário)” (HUGHES, 1993, p.19).

Apesar de, em alguns momentos no seu livro o autor australiano denunciar a argumentação conservadora, a grande crítica de Hughes é direcionada contra a moralização da vida cotidiana dos americanos nascida dos movimentos sociais progressistas. Em seu tom sarcástico e provocativo, o crítico australiano conclui que estes movimentos possuem uma lógica na qual somente a vítima poderia ser o herói americano, entrando em conflito com premissas como a do *self made man*, valor consagrado na cultura estadunidense.

Assim como nossos ancestrais do século XV estavam obcecados com a criação de santos, e os do século XIX com a produção de heróis, de Cristóvão Colombo a George Washington, também nós estamos obcecados pelo reconhecimento, louvor e, quando necessário, fabricação de vítimas (HUGHES, 1993, p.25).

Por fim, a crítica de Hughes não visa a destruição de seu objeto de crítica, mas sim fundamenta-se como um alerta aos movimentos progressistas. Ao perceber uma guerra cultural em

curso nos Estados Unidos concomitantemente com o final da Guerra Fria, que ocasionou a vitória ideológica do capitalismo sobre o comunismo, o autor pergunta de forma metafórica: “e agora, o que será de nós sem os bárbaros?” (HUGHES, 1993, p.72). O que acontecerá “quando o conservadorismo se vê diante da morte da ideologia marxista, a inimiga que o alimentava [?]”. Nessa direção, Hughes, de forma cautelosa, afirma que os novos bárbaros, para os conservadores, serão os progressistas. Por fim, em tom de advertência, Hughes, por meio de metáforas, afirma: “Se a esquerda americana quer se revitalizar, vai ter de reaprender o inglês claro, voltar ao mundo concreto e resistente, recuperar para si não apenas os princípios do iluminismo, mas a linguagem de Tom Paine e Orwell” (HUGHES, 1993, p.72).

Assim, Hughes busca revitalizar padrões claros e persuasivos no contexto do jogo político. Ao analisar as perspectivas de um país dividido e polarizada pelas guerras culturais, o autor buscou reviver critérios elitistas avaliativos do jogo político, em uma tentativa de manter o conflito dentro da excelência argumentativa, com critérios retóricos voltados a erudição. Portanto, compreendemos que a posição de Hughes nas guerras culturais mostrou-se favorável a um elitismo cultural em contraposição a *cultura da reclamação*.

O MULTICULTURALISMO NA VISÃO DE ROBERT HUGHES

O livro de Hughes aborda a cultura norte-americana, imiscuída na questão do multiculturalismo nas guerras culturais. No contexto cultural dos anos noventa, dentre os diversos temas debatidos, o multiculturalismo era uma das questões centrais das guerras culturais, apresentando-se como tema emergente, protagonizado pelas percepções das novas identidades norte-americanas. O multiculturalismo, contextualizado nas guerras culturais, pode ser compreendido tanto como um paradigma político-filosófico quanto como uma

forma de política sensível e atribulada à possibilidade de que as democracias liberais possam exercer pressão sobre minorias étnicas para que estas incorporem a cultura majoritária. De acordo com Levrau e Loobuyck (2018) o multiculturalismo, explicado de forma genérica, perpetua a ideia de que as instituições sociais e políticas devem fornecer o mesmo grau de respeito, inclusão e reconhecimento às identidades de grupos minoritários da mesma forma que compreendem e abarcam as práticas das identidades majoritárias.

Ao dissertar sobre o multiculturalismo Robert Hughes mostra seu entendimento a respeito da questão:

O multiculturalismo afirma que pessoas com diferentes raízes podem coexistir, podem aprender a ler os bancos e imagens de outras, podem e devem olhar além das fronteiras de raça, língua, gênero e idade sem preconceito ou ilusão, e aprender a pensar no cenário de uma sociedade hibridizada (HUGHES, 1993, p.75).

Utilizando a sua posição de imigrante, Hughes mostra-se simpático ideia do multiculturalismo, contudo o autor questiona a cultura americana e a incapacidade de os norte-americanos pensarem além de suas fronteiras, uma vez que para o autor, “considerando-se a variedade de origens nacionais representadas em sua vasta sociedade [estadunidense], sua falta de curiosidade e sua tendência para o estereótipo ainda surpreendem o estrangeiro” (HUGHES, 1993, p.85). Deste modo, na visão do crítico de arte australiano este novo debate deveria possuir o poder de unir os indivíduos, as culturas e as diversas individualidades presentes na cultura norte-americana: “a auto-estima vem de fazer bem as coisas, e de descobrir o que nos une, além do que nos separa” (HUGHES, 1993, p. 114).

Hughes salienta que as disputas culturais estadunidenses são paradoxais, uma vez que as forças únicas da nação nasceram de sua extraordinária diversidade. Consequentemente, para Hughes deixar as minorias fora da história americana seria intelectualmente desonesto, uma

vez que a própria natureza histórica norte-americana as envolve. A denúncia de Hughes volta-se não contra estas minorias, mas sim contra a forma como o debate do multiculturalismo estava sendo travado. Hughes afirma que o debate sobre as diferenças culturais dos Estados Unidos se dissolveu popularmente em uma controvérsia politizada entre esquerda e direita, abraçando as dinâmicas das guerras culturais.

Na percepção de Hughes a unidade das individualidades multiculturais em um único país é que o limita e define o debate sobre o multiculturalismo, pois “nem negros nem brancos podem ‘voltar para casa de novo’, a não ser como turistas; seu lar mútuo, com todos seus ideais, oportunidades, conflitos e males, são os Estados Unidos, e eles não têm outro” (HUGHES, 1993, p.116). Por meio desse eixo argumentativo o autor prega a perspectiva de que o debate sobre o multiculturalismo deve obedecer a critérios rígidos e científicos em suas discussões. Partindo de sua visão e de seus critérios sobre o multiculturalismo, Hughes estabelece uma crítica a forma como o debate estaria sendo promovido no contexto das guerras culturais, pois apenas os critérios não eram o bastante para alguns grupos, que advogam por meio de um discurso que, segundo Hughes, estaria promovendo mais o separatismo do que propriamente a unidade. Nas palavras do autor:

Mas isso não basta para alguns extremistas, que consideram, que só negros podem escrever a história da escravidão, só índios nativos da América pré-européia, e assim por diante. Propõem não um multiculturalismo informado, mas um separatismo de viseira desbragadamente polêmico. Esse separatismo, em geral, é o que os conservadores atacam como “multiculturalismo” (HUGHES, 1993, p.109).

Na visão de Hughes o debate deve “passar exatamente pelos mesmos tetes que as de qualquer outro, ou o debate fracassa e a verdade sofre” (HUGHES, 1993, p. 120). A partir disto, Hughes insere a *cultura da reclamação* em seu pensamento do multiculturalismo, pois esta cultura estaria minando o debate saudável. A ideia de que somente os herdeiros de determinada

história estariam aptos a denunciar os males da história fez com que determinados grupos concluíssem que “o que quer que diga um historiador ou testemunha europeu branco e homem deve ser suspeito; as declarações de uma pessoa ou grupo oprimido merecem crédito instantâneo, mesmo sendo a mais simples afirmação” (HUGHES, 1993, p.120).

A INFLUÊNCIA DO PENSAMENTO DE ROBERT HUGHES NOS DEBATES DE GÊNERO

Apesar da obra escrita pelo crítico de arte australiano não oferecer uma visão inteiramente nova sobre o feminismo, o escrito de Hughes não simbolizou apenas mais uma crítica ao movimento, mas sim, uma nova febre de discussões e argumentações ao debater as temáticas da vitimização e do ressentimento no movimento feminista, incentivando autoras feministas a entrarem neste debate teórico, como Stringer argumenta:

Robert Hughes fornece uma articulação sucinta de um argumento sobre o feminismo que ganharia uma aceitação cada vez mais ampla ao longo da década de noventa. Hughes argumenta que o feminismo tem sofrido uma mudança de mulheres representadas como agentes responsáveis e capazes, para representar as mulheres como 'vítimas' absolutamente sem liberdade. [...]. A Cultura da Reclamação, não propiciou uma visão inteiramente nova sobre o feminismo. A crítica da relação do feminismo com a categoria de "vítima" já se encontrava em andamento tanto fora quanto dentro dos círculos feministas. No entanto, no período após o livro de Hughes se viu um engajamento crítico com esta relação ao ponto de se alcançar algo como uma febre (STRINGER, p.1, 2003 – Tradução do autor¹⁶).

É a partir desta argumentação que Hughes, segundo Stringer (2003), alcança o eixo central do debate feminista sobre ressentimento, ponto que guiou o debate feminista do início dos anos noventa até os tempos atuais sobre vitimização dentro dos movimentos sociais. Desta maneira, ressaltamos que Stringer, em seus estudos acerca do movimento de libertação das mulheres, cita a célebre frase de Hughes que retrata a suposta nova ortodoxia do feminismo, fundamentada em uma subcultura emergente dentro do movimento:

A nova ortodoxia do feminismo está abandonando a imagem de uma mulher independente, existencialmente responsável, em favor de uma mulher desamparada, vítima da opressão masculina – trate-a igual perante a lei, e agravarão sua vitimização (HUGHES, apud STRINGER, p. 12, 2003 – Tradução do autor¹⁷).

A partir deste momento, inúmeros estudiosos e estudiosas passaram a construir um pensamento diferenciado sobre o feminismo, visando uma reconstrução do movimento e de seu pensamento. Nestes cenários, publicações como o livro *Fogo com fogo: O novo poder feminino e como o século XXI será afetado por ele*, redigido por Wolf (1993), passaram a reanalisar o movimento feminista, identificando falhas e inflexões.

Em um intrigante momento de simultaneidade, os escritores feministas populares procuraram mover o feminismo para além do "problema da vítima", enquanto as teóricas políticas feministas acenavam para um movimento aparentemente similar: o desenvolvimento de "uma política feminista sem ressentimento" (STRINGER, 2003, p.3 – Tradução do autor¹⁸).

Por mais que o conceito de *vitimização* tenha surgido dentro do próprio movimento feminista – fundamentado nas ideias difundidas

¹⁶ Texto original: *Robert Hughes provides a succinct articulation of an argument about feminism that was to gain increasingly broad purchase throughout the 1990s. Feminism, Hughes argues, has undergone a shift from representing women as responsible and capable agents, to representing women as absolutely unfree 'victims'. [...]. The Culture of Complaint, his view was not entirely novel. Criticism of feminism's relationship with the category 'victim' was already underway both outside and within feminist circles. However the period after Hughes' book saw critical engagement with this relationship reach something of a fever.*

¹⁷ Texto original: *The new orthodoxy of feminism is abandoning the image of the independent, existentially responsible woman in favor of woman as helpless victim of male oppression - treat her as equal before the law, and you are compounding her victimization.*

¹⁸ Texto original: *In an intriguing moment of simultaneity, popular feminist writers sought to move feminism beyond the 'victim problem,' while feminist political theorists beckoned an apparently similar move: the development of "a feminist politics without resentment".*

pelo filósofo alemão Nietzsche¹⁹ - como uma crítica inerente a tal mobilização, foi a partir do pensamento de Hughes (1993) e de obras como as de Stringer (2003), Wolf (1996) e Young (1992) que o os conservadores ortodoxos se apropriaram do termo vitimização para construir e difundir sua crítica em relação ao feminismo no contexto das guerras culturais. Neste aspecto, salientamos que o uso semântico e filosófico do termo se desligou das obras feministas, perdendo profundidade em relação a forma como a terminologia foi utilizada nos ciclos de debates feministas e na obra de Hughes (1993)²⁰.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *cultura da Reclamação* fornece uma narrativa das disputas, ativismos e conflitos culturais que ao todo representam como as guerras culturais ocorrem no tecido social. As narrativas descritas pelo autor servem para termos embasamento de como as pequenas disputas que ocorrem no contexto político norte-americano, além de representarem a divisão ideológica da sociedade, também concebem como os conflitos que ocorrem no país envolvem questões culturais e políticas.

Ao realizar uma análise do panorama cultural do início da década de noventa da mais longa democracia do mundo, Robert Hughes detecta sinais de um país dividido, polarizado e incapaz de lidar com as diferenças. Intelectual público perspicazmente atento aos fatos da sociedade e da política, o crítico australiano aborda em *Cultura da Reclamação* uma vasta gama de assuntos, como a herança puritana, a emergência do neomoralismo, as guerras culturais e o multiculturalismo. Ao retratar a nação norte-americana, o livro de Hughes é um testemunho irreverente e provocador de alguns dos dilemas mais decisivos das guerras culturais estado-unidenses. *A Cultura da Reclamação* constitui-se como um apelo à liberdade e uma fervorosa defesa

da heterogeneidade da América em meio a uma Estados Unidos fragmentado por polarizações políticas.

No contexto das guerras culturais, o escrito de Hughes apresentou uma recepção controversa. Ao contextualizar e narrar pequenos conflitos sociais, Hughes efetivou uma crítica precisa em relação a dinâmica das guerras culturais. Apesar de um tom crítico tanto em relação aos movimentos progressistas quanto aos conservadores, o que se evidenciou na obra do crítico de arte foi a busca pela excelência e como determinados protagonistas das guerras culturais estariam promovendo e cultuando a cultura da reclamação como critério político, tornando a lamentação um valor heroico.

Mesmo a *Cultura da Reclamação* não possuindo um caráter acadêmico, o escrito é detentor de uma enorme erudição, citando incansavelmente filósofos, romancistas e intelectuais públicos dos Estados Unidos. A sua publicação impactou a cultura norte-americana, sendo objeto de estudo e citado em teses acadêmicas, como a de Stringer (2003). O livro publicado por Hughes atingiu níveis de *best-seller*, alicerçando, promovendo e dando visibilidade ao debate acerca da vitimização tanto no feminismo quanto nas guerras culturais.

A partir da análise da *Cultura da reclamação: o desgaste americano* compreendemos Hughes como um dos atores políticos das guerras culturais, pertencente a uma elite capaz de promover e elevar temas na esfera pública. Hughes, ao ofertar seus pensamentos às guerras culturais, apesar de criticar tanto conservadores ortodoxos quanto progressistas, direcionou suas críticas com maior ênfase aos movimentos sociais radicais, uma vez que seu pensamento contempla o elitismo estético, criterioso e conceitual em contraposição a argumentações de natureza interpessoal imiscuídas nos parâmetros analíticos da arte e da vida política de cada indivíduo.

¹⁹ A utilização do filósofo alemão nos debates acerca desta temática ocorreu principalmente por meio dos conceitos de *ressentimento*, *moral nobre* e *moral escrava* presentes na obra *Genealogia da moral: Uma polêmica* de Nietzsche (2009).

²⁰ Para mais informações sobre esse debate ver Sparemerger (2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Agradecemos os professores Pablo Ortellado e Marcio Moretto Ribeiro pela disponibilização da disciplina *Guerras culturais e polarização da esfera pública* (2020) na plataforma de vídeos YouTube. As reflexões ofertadas na disciplina foram de fundamental importância para realização deste estudo.

REFERÊNCIAS

- BUCHANAN, Patrick J. **Address to the Republican National Convention**. 1992. Disponível em: <http://buchanan.org/blog/1992-republican-national-convention-speech-148> Acesso em: 01 jan. 2021.
- CHAPMAN, Roger. **Culture Wars: An Encyclopedia of issues, Viewpoints, And Voices**. New York: M.e. Sharpe, Inc., 2006.
- GALLEGO, Esther Solano; ORTELLADO, Pablo; MORETTO, Márcio. Guerras culturais e populismo antipetista nas manifestações por apoio à operação Lava Jato e contra a reforma de previdência. **Em Debate: Periódico de Opinião Pública e Conjuntura Política**, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p.35-45, ago. 2017. Disponível em: <<http://opiniaopublica.ufmg.br/site/files/artigo/7.pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2020.
- Guerras Culturais e Polarização da Esfera Pública**. São Paulo: Youtube, 2020. P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLESQ2D6azy3kTvBH-Qkgx2cAM87dTWJvj>. Acesso em: 10 jan. 2021.
- HARTMAN, Andrew. **A War for the Soul of America: A History of the Culture Wars**. Chicago: University of Chicago Press, 2015.
- HUGHES, Robert. **A Cultura da Reclamação: O Desgaste Americano**. São Paulo. Companhia das Letras, 1993.
- HUNTER, James Davison. **Culture Wars: The Struggle to Define America**. New York: Basic Books, 1991.
- HUNTER, James Davison; WOLFE, Alan. **Is There a Culture War?: A Dialogue on Values and American Public Life**. Brookings Institution Press, 2006.
- LEVRAU, François; LOOBUYCK, Patrick. (2018). Introduction: mapping the multiculturalism-interculturalism debate. **Comparative Migration Studies**. doi: [10.1186/s40878-018-0091-5](https://doi.org/10.1186/s40878-018-0091-5)
- MONITOR DO DEBATE POLÍTICO NO MEIO DIGITAL. **Como as guerras culturais afetam a opinião da população?** 2019. Disponível em: <https://www.monitordigital.org/2019/10/23/pesquisa-municipal-outubro-19/>. Acesso em: 05 jul. 2020.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: Uma polêmica**. Trad. Paulo César Lima de Souza. São Paulo – SP. Companhia das Letras. 2009.
- SPAREMBERGER, C. **O ressentimento e a vitimização no movimento feminista da segunda onda: uma releitura do debate entre feministas anglófonas**. 2018. 163 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política, UFSC, Florianópolis, 2018.
- STRINGER, Rebecca. **Knowing Victims: feminism, resentment and the category 'victim'**. Australian National University. March, 2003.
- SORJ, Bernardo et al. **SOBREVIVENDO NAS REDES GUIA DO CIDADÃO**. Plataforma Democrática, 2018. Disponível em: http://www.plataformademocratica.org/Arquivos/Sobrevivendo_nas_redes.pdf. Acesso em: 01 ago. 2020.
- WASHINGTON POST COMPANY (Estados Unidos). **Nat Hentoff**. 1998. Disponível em: <<http://www.washingtonpost.com/wp-srv/politics/opinions/hentoff.htm>>. Acesso em: 11 out. 2020.
- WOOLFOLK, Alan. **Is There a Culture War? A Dialogue on Values and American Public Life**. By

James Davison Hunter and Alan Wolfe
Washington, DC: Pew Research Center, Brookings
Institution, 2006.

WOLF, Naomi. **Fogo com Fogo: O novo poder
feminino e como o século XXI será afetado por
ele**; Trad. BARCELOS, Waldéa. Rio de Janeiro:
Rocco Ltda. 1996.

YOUNG, Cathy. **Victimhood Is Powerful: Both
feminists and antifeminists see advantages in
keeping women down**. Reason, 1992.